

Comentários sobre o filme *Johnny vai à guerra*

Regina de Baptista Colucci

Psicanalista – SBPSP

O cinema veicula sua linguagem através das imagens visuais, que o coloca muito próximo da linguagem dos sonhos. Psicanálise e cinema se interseccionam oferecendo-nos interessante campo de exploração, na medida em que a trama do personagem reativa e desperta a mesma trama em nós. Vibramos na mesma frequência, graças à linguagem viva do cinema.

O filme *Johnny vai à guerra* oferece-nos uma primeira leitura – a cinematográfica –, onde Johnny subverte a guerra ao não morrer. É um morto que não morre, recusando as honras de herói, se para isto o preço é a vida. Denuncia com sua estranha presença a real face da guerra.

Uma outra abordagem é a psicanalítica, que nos possibilita discorrer sobre o absurdo de uma pessoa sem cérebro pensar. Contestam-se as diferenças entre cérebro

bro e mente, buscando as relações de dependência e de concordância.

A pele se origina no embrião do mesmo folheto que dá origem ao cérebro. Qual a relação do cérebro com a pele e com os órgãos sensoriais contidos nela? A pele pode fazer a função do cérebro, recuperar a capacidade mental e voltar a aprender?

No filme Johnny apóia-se no tato e nas sensações sinestésicas para se conhecer na nova condição de mutilado e para conhecer a realidade externa. Necessita do outro, em especial de duas enfermeiras, para adquirir a capacidade de simbolizar e pensar. O pensamento é uma questão de relação.

Johnny transcende os limites da corporeidade e pensa.